

10 Teorias das condições de verdade: mundos possíveis e semântica intensional

Sinopse

Os mundos possíveis kripkianos (tal como os apresentámos no capítulo 4) permitem uma noção alternativa de uma condição de verdade: vimos que uma frase contingente é verdadeira em alguns mundos mas não noutros. De modo que se pode tomar o conjunto de mundos possíveis nos quais a frase é verdadeira como a condição de verdade dessa frase. Além disso, os mundos possíveis podem ser usados para construir “intensões” ou significados para expressões subfrásicas, e em particular para palavras individuais ou átomos de significado, que são como os “sentidos” de Frege por serem independentes dos referentes propriamente ditos. Por exemplo, um predicado tem extensões diferentes em mundos diferentes, e a sua intensão pode ser entendida como a função que associa um qualquer mundo dado à extensão particular do predicado nesse mundo. Então uma gramática pode mostrar como estas intensões subfrásicas se combinam para fazer uma condição de verdade, e portanto um significado, de uma frase completa da qual essas intensões são componentes.

A perspectiva resultante evita de modo elegante várias das objecções que atormentam a teoria de Davidson, principalmente a 4, o problema dos termos co-extensionais que não são sinónimos, e a 5, o problema das conectivas que não são verofuncionais. E também ajuda a resolver o problema da substituibilidade. Mas herda as restantes dificuldades de Davidson e incorre em mais uma ou duas.

Uma nova concepção das condições de verdade

Como vimos no capítulo anterior, a teoria das condições de verdade entende o significado como representação, como um espelhar ou uma correspondência entre frases e estados de coisas efectivos ou possíveis. Mas podemos tomar a noção de um estado de coisas hipotético mais seriamente do que Davidson está disposto a fazer e encarar os “estados de coisas/circunstâncias/condições possíveis” como *mundos possíveis* kripkianos (capítulo 4). Recorde-se que um mundo possível (além do mundo efectivo, que é o nosso mundo) é um universo alternativo, no qual as coisas ocorrem de modo diferente do que aqui. E, porque os mundos diferem entre si com respeito aos seus factos componentes, é claro que a verdade de uma dada frase depende do mundo que estamos a considerar.

Isto permite uma nova versão da ideia de condições de verdade de uma frase. A frase é verdade em algumas circunstâncias possíveis e não noutras. O que, no vernáculo dos mundos possíveis, é dizer que a frase é verdadeira em alguns mundos mas não noutros.

Quando duas frases têm as mesmas condições de verdade serão verdadeiras precisamente nas mesmas circunstâncias, precisamente nos mesmos mundos. Quando diferem em condições de verdade, isso significa que haverá alguns mundos nos quais uma é verdadeira e a outra falsa, de modo que não serão verdadeiras precisamente nos mesmos mundos. Como primeira aproximação, tomemos, pois, as condições de verdade de uma frase simplesmente como o conjunto de mundos nas quais essa frase é verdadeira.

Claro que para o defensor da teoria das condições de verdade esse conjunto de mundos será também o significado da frase. Seguir-se-ia que as frases sinónimas são verdadeiras precisamente nos mesmos mundos, ao passo que para quaisquer duas frases que não sejam sinónimas haverá pelo menos um mundo no qual uma das frases é verdadeira e a outra falsa. Esta ideia generaliza-se ao significados das expressões subfrásicas. Mas para mostrar como isto funciona tenho de recuar por um ou dois parágrafos.

Vimos no capítulo 2 que, ao contrário de Russell, Frege (1892) rejeitou a tese J3/K3 (“Uma frase sujeito-predicado é dotada de significado (apenas) em virtude de seleccionar uma coisa individual e de lhe atribuir uma propriedade qualquer”), postulando entidades abstractas a que chamou “sentidos,” argumentando que um termo singular tem um sentido além e para lá do seu referente. E Frege defendia a composicionalidade: segundo ele, a frase sujeito-predicado tem um sentido compósito constituído pelos sentidos individuais das suas partes, e é dotada de significado em virtude de ter esse sentido compósito, quer o seu sujeito tenha referente quer não. (Foi assim que Frege atacou o problema da referência aparente aos inexistentes.)

Como esboçámos até agora, a perspectiva de Frege parece uma versão da teoria proposicional. E é; é vítima por isso das várias objecções que se levantaram contra esta teoria no capítulo 5. Mas Rudolf Carnap (1947), Richard Montague (1960) e Jaakko Hintikka (1961) desenvolveram uma *lógica intensional*, interpretando e explicando os sentidos de Frege em termos de mundos possíveis. Eis, grosso modo, a ideia.

Diz-se que um termo singular ou um predicado tem tanto extensão (no sentido introduzido no capítulo anterior) quanto um sentido fregeano ou “intensão”. O truque é construir a intensão de um termo como uma função de mundos possíveis para extensões. Assim, a intensão de um predicado é uma função de mundos para conjuntos de coisas que existem nesses mundos e que pertencem à extensão do predicado nesses mundos. Por exemplo, a intensão de “gordo” olha de mundo para mundo e em cada um selecciona a classe das coisas gordas desse mundo. “Gordo” significa não apenas as coisas gordas efectivas, mas seja o que for que seria gordo noutras circunstâncias possíveis. (Para pôr a ideia em termos mais humanos, quem sabe o significado de “gordo” sabe quais das várias coisas hipotéticas contariam como gordas, assim como sabe que coisas são efectivamente gordas.)

Os “sentidos individuais,” as intensões dos termos singulares, são funções de mundos para habitantes individuais desses mundos. Isto deve parecer algo familiar, com base no capítulo 4; um designador rígido exprime uma função constante, pois selecciona o mesmo indivíduo em todos os mundos. Mas um designador flácido muda o seu referente de mundo para mundo: como vimos, “o primeiro-ministro britânico na segunda metade de 2007) designa Gordon Brown no mundo efectivo, mas muitas outras pessoas (ou criaturas) noutros mundos e ainda ninguém noutros. O sentido ou intensão de “o primeiro-ministro britânico” olha (ou salta) de mundo para mundo e selecciona seja quem for que é presentemente primeiro-ministro nesse mundo. Como acontece com os predicados, quem sabe o significado da expressão “o primeiro-ministro britânico” sabe quem seria o primeiro-ministro sob várias situações hipotéticas, ainda que não saiba quem é agora efectivamente o primeiro-ministro.

Funções deste género combinam-se para constituir sentidos ou intensões para frases completas. Tome-se a seguinte frase:

- 1) O presente primeiro-ministro britânico é gordo.

Noutro mundo possível, o sujeito de 1 denota seja quem for que é primeiro-ministro nesse mundo, e “gordo” tem uma extensão nesse mundo que provavelmente difere da classe efectiva de coisas gordas. Assim, composicionalmente, sabemos dizer se 1 é verdadeira nesse mundo: será verdadeira se, e só se, o primeiro-ministro desse mundo pertence a essa extensão local. Logo, se conhecemos a intensão de “o presente primeiro-ministro britânico” e a intensão de “gordo,” sabemos se um dado mundo faz 1 ser verdadeira, ou seja, sabemos como distinguir os mundos em que 1 é verdadeira; pois temos com efeito uma função compósita de mundos para valores de verdade. Logo, sabemos que conjunto de mundos é o conjunto de verdades de 1. (Estritamente falando, a intensão da frase é a função e não o conjunto de verdades resultante, mas passarei a ignorar esta distinção técnica daqui para a frente.) E isto é dizer que conhecemos a proposição expressa por 1, ou seja, conhecemos o significado de 1. (Não se deixe enganar: toda esta conversa sobre “saber” coisas não quer dizer que estamos a cair no verificacionismo. Estou a falar metaforicamente de como se computa uma intensão complexa dadas algumas intensões primitivas simples e uma gramática de sujeito-predicado.)

Se uma proposição é entendida deste modo como um conjunto de mundos possíveis, então obtemos, afinal, explicações intrínsecas dos factos do significado. Duas frases serão sinónimas se, e só se, são verdadeiras precisamente nos mesmos mundos. Uma frase será ambígua se houver um mundo na qual é simultaneamente verdadeira e falsa mas sem contradição. E a interpretação dos mundos possíveis permite uma álgebra elegante do significado por meio da teoria de conjuntos: por exemplo, a derivabilidade entre frases é apenas a relação de subconjunto. F_2 deriva-se de F_1 se, e só se, F_2 é verdadeira em todos

os mundos nos quais F_1 também o é; ou seja, o conjunto de mundos que constitui o significado de F_2 é um subconjunto do significado de F_1 .

Assim, a efectuação das condições de verdade em termos de mundos possíveis salva esta versão sofisticada da teoria proposicional da objecção 3 de Harman (capítulo 5), pois diz-nos o que é uma “proposição” em termos que podem ser trabalhados independentemente: uma proposição é um conjunto de mundos. (Pode-se ter reticências metafísicas quanto à ideia de um “mundo possível inefectivo,” mas pelo menos já sabemos o que é, supostamente, um mundo.) Esta perspectiva evita também a nossa segunda objecção às teorias ideacionais, que afectava também a teoria proposicional, pois diz-nos o que é um “conceito” abstracto: é uma função de mundos para extensões. (Irei já de seguida introduzir uma complicação.)

Por fim, há um argumento directo a favor da versão de mundos possíveis da teoria das condições de verdade, apresentado muito brevemente em Lewis (1970):

Para dizer o que é um significado, podemos perguntar primeiro o que faz um significado, para depois encontrar algo que faça isso.

Um significado para uma frase é algo que determina as condições sob as quais a frase é verdadeira ou falsa. Determina o valor de verdade da frase em vários estados de coisas possíveis, em vários momentos do tempo, em vários lugares, para vários locutores, e assim por diante.

(p. 22)

Penso que a ideia é esta: se compreendemos uma dada frase F e nos mostrarem um mundo possível qualquer — voamos até lá e deixam-nos nesse mundo, fazendo-nos milagrosamente omniscientes quanto aos seus factos — então saberemos imediatamente se F é verdadeira ou falsa. (Se conhecemos todos os factos sem excepção desse mundo e mesmo assim não sabemos se F é verdadeira nesse mundo, então não é possível que tenhamos compreendido F .) Assim, uma coisa que um significado faz é desembuchar um valor de verdade para qualquer mundo possível dado. O mesmo é dizer que um significado é *pelo menos* uma condição de verdade, no sentido de um conjunto particular de mundos. (Isto deixa em aberto que um significado possa incluir mais do que apenas uma condição de verdade.)

Vantagens relativamente à perspectiva de Davidson

A perspectiva dos mundos possíveis tem algumas vantagens importantes relativamente à versão de Davidson da teoria das condições de verdade. Especificamente, evita as objecções 4 e 5 que fizemos a Davidson.

A objecção 4 era o problema de termos coextensionais mas que não são sinónimos. Na perspectiva dos mundos possíveis, isto não é de modo algum um problema. “Renato” e “cordato” diferem em significado porque apesar de se aplicarem precisamente às mesmas coisas no mundo efectivo, as suas extensões divergem noutros mundos possíveis; há inúmeros mundos que contêm renatos que não são cordatos e vice-versa. Fim da história (apesar disso iremos fazer a ressurreição da solução de Frege para o problema da substituíbilidade).

A objecção 5 era o problema das conectivas frásicas que não são verofuncionais. Neste caso, a perspectiva dos mundos possíveis exhibe uma força única. Pois permite formular condições de verdade para certas conectivas directamente em termos de mundos. Tome-se o operador modal simples “É possível que,” como em “É possível que o presente presidente dos EUA seja gordo.” Esta frase conta como verdadeira se, e só se, *há um mundo no qual* o presente presidente dos EUA é gordo. E se quiséssemos dizer “Necessariamente, se há um presidente dos EUA, os EUA existem,” a semântica intensional considerá-la verdadeira se, e só se, *em todos os mundos*, se há um presidente dos EUA, os EUA existem.

Daqui pode-se ver que a nossa fórmula original precisa de ser qualificada: nem todo sentido ou intensão de expressões simples pode ser formulado como uma função de mundos para uma extensão ou referente. Alguns são funções de intensões para outras intensões; “é possível que” toma a intensão da frase à qual se aplica e transforma-a noutra intensão. Outro exemplo subfrásico seriam os advérbios, como “devagar.” “Jane nada” é verdadeira num mundo se, e só se, o referente de “Jane” nesse mundo está entre as coisas que nadam aí, pois a extensão de “nada” é apenas a classe dos habitantes desse mundo que nadam. Mas e que dizer de “Jane nada devagar”? Gramaticalmente, “devagar” modifica o predicado “nada,” transformando-o no predicado complexo “nada devagar.” E o semanticista intensional sustenta que a semântica procede precisamente do mesmo modo: a intensão de “nada” é uma função de intensões para intensões; selecciona a intensão de “nada” e transforma-a numa intensão modificada, nomeadamente a função que olha para um mundo e selecciona a classe de coisas que nadam devagar nesse mundo.¹

A teoria dos mundos possíveis tem uma maneira expedita de lidar também com frases doxásticas. Regressemos por momentos a Frege. Como solução para o problema da substituíbilidade, Frege propôs que uma frase doxástica pode mudar o seu valor de verda-

¹ Montague (1960) construiu uma estrutura com intensões de ordem cada vez mais superior deste género que correspondem às partes cada vez mais abstractas do discurso. De facto, para fazer pirraça a Quine, Montague atribuiu explicitamente intensões individuais muito rarefeitas a “sake,” “behalf” e “dint.” Como mencionei no capítulo 1, deste modo Montague visava também vingar-se em prol da teoria referencial. (Mas é na melhor das hipóteses uma vingança aparente: não se considera que as palavras *denotam* as suas intensões como se fossem nomes próprios.)

de em resultado da substituição de termos co-referenciais porque, apesar de os dois termos terem o mesmo referente, podem ter sentidos diferentes, e assim um sentido compósito pode resultar dessa substituição. (E a crença, que é um estado cognitivo, tem um “pensamento” ou sentido compósito por objecto, e não um referente.) Como sempre ocorre com versões inexplicadas da teoria proposicional, isto parece correcto — mas não explica na verdade coisa alguma enquanto o “sentido” for meramente dado como garantido. Mas o defensor da teoria dos mundos possíveis pode dar mais conteúdo à explicação: apesar de os dois termos serem co-referenciais no mundo efectivo, divergem noutros mundos, e assim as suas intensões diferem. Logo, as intensões compósitas de frases que contenham tais termos e que noutros aspectos são semelhantes irão também diferir. Se a crença é uma relação entre o crente e uma proposição — isto é, a intensão de uma frase — então é claro que o crente pode crer numa intensão sem crer na outra.

Neste ponto, precisamos de um ajuste. Como salientei anteriormente, esta versão da teoria dos mundos possíveis considera que duas frases são sinónimas quando, e só quando, as duas são verdadeiras precisamente nos mesmos mundos. Mas o que dizer das verdades necessárias, que se verificam em todos os mundos? Seguir-se-ia que todas essas verdades são sinónimas entre si; por exemplo, “Ou os porcos têm asas ou não” e “Se há ratos comestíveis, então alguns ratos são comestíveis” queriam dizer exactamente o mesmo, o que obviamente não é verdade. Além disso, quaisquer duas frases necessariamente equivalentes seriam consideradas sinónimas: dir-se-ia que “A neve é branca” significa exactamente o mesmo que “Ou a neve é branca ou os porcos têm asas e os porcos são mamíferos e nenhuns mamíferos têm asas”; e considerar-se-ia automaticamente que quem acreditasse na primeira acreditaria na segunda. Algo tem de ceder.

A origem do problema é, ao que parece, que as intensões complexas podem ser necessariamente co-extensionais mesmo que sejam constituídas por conceitos muito diferentes. A cura é então, como Carnap (1947) viu, exigir que, para haver sinonímia, as frases não tenham apenas a mesma intensão, mas que a tenham constituída do mesmo modo (ou aproximadamente do mesmo modo) a partir das mesmas intensões atómicas. Era a isto que Carnap chamava *isomorfismo intensional*, que elimina todos os casos problemáticos anteriores. Por exemplo, “Ou os porcos têm asas ou não” e “Se há ratos comestíveis, então alguns ratos são comestíveis” são compostos de intensões inteiramente diferentes (as intensões de “porco” e “asa,” no primeiro caso, e as de “rato” e “comestível” ou “comer,” no segundo).

Objecções restantes

A teoria dos mundos possíveis herda várias das objecções que se levantam contra a versão de Davidson: 1 (frases que não são declarativas e que não afirmam factos), 2 (testabilidade) e 6 (tomar a verdade como garantida); um defensor da teoria intensional daria em

grande parte as mesmas respostas que demos em nome de Davidson. A objecção 3 (deícticos) surge de modo diferente porque a abordagem dos mundos possíveis não envolve frases V; mas surge mesmo assim, pois não se deixou ainda espaço para os deícticos no aparato intensional. A objecção 3 será o tema principal do próximo capítulo.

A perspectiva dos mundos possíveis herda também as primeiras duas objecções que levantámos à teoria proposicional no capítulo 5: postula entidades esquisitas e alheias. Como salientei no capítulo 4, uma coisa é tomar os “mundos possíveis” como uma metáfora ou heurística para explicar um modo de ver as coisas, como fiz ao explicar a perspectiva de Kripke dos nomes próprios. Outra coisa é apelar directamente a mundos possíveis na teorização séria, como fazem os semanticistas intensionais. Em que sentido *há realmente* mundos alternativos que *não existem realmente*? Mas isto é um tema imenso e não posso abordá-lo aqui.²

A perspectiva dos mundos possíveis está também sujeita à objecção 4 contra a teoria proposicional (negligencia a “característica dinâmica” do significado). Então, respondemos apenas que ainda que as proposições não constituam uma ajuda na explicação do comportamento humano, este não é a coisa primária que precisa de ser explicada; ao invés, são os factos do significado que precisam de explicação. Mas a objecção foi aprofundada contra as duas versões da teoria das condições de verdade.

OBJECÇÃO 7

Subsiste um problema da substituíbilidade. Pois parece haver contextos nos quais termos *sinónimos* (e não apenas co-extensionais) não podem ser substituídos entre si sem mudança possível de valor de verdade. “Oftalmologista” e “médico dos olhos” são sinónimos (ou podemos supor que são, por conveniência). Mas se a Maria não o souber, “A Maria acredita que todos os médicos dos olhos tratam dos olhos” poderá ser verdadeira apesar de “A Maria acredita que todos os oftalmologistas tratam dos olhos” ser falsa; similarmente, “O Hermínio foi a um oftalmologista porque um oftalmologista é um médico dos olhos” é verdadeira, ao passo que “O Hermínio foi a um oftalmologista porque um médico dos olhos é um médico dos olhos” é falsa.

OBJECÇÃO 8

Alguns davidsonianos (por exemplo, Lycan 1984) e alguns defensores da teoria intensional consideram que o tipo de sintaxe semanticamente carregada que descrevi é um programa de computador para computar significados grandes a partir de significados menores, programa que num certo sentido corre nos cérebros dos locutores e dos ouvintes. Mas esta

² Uma vez mais, veja-se Lewis (1986) e Lycan (1994).

ideia é problemática. Eis uma preocupação mais específica quanto à “característica dinâmica,” salientada por Michael Dummett (1975) e Hilary Putnam (1978). Os escritos dos próprios Dummett e Putnam são densos e algo obscuros, mas eis uma maneira simples de formular uma das suas preocupações: o significado de uma frase é o que se sabe quando se sabe o que uma frase significa. Mas saber o que uma frase significa é apenas compreender essa frase. Compreender é um estado psicológico, inerente a um organismo humano de carne e osso e que afecta o seu comportamento. Ora, se o que uma frase significa é apenas a sua condição de verdade, como pode o conhecimento de uma condição de verdade afectar *per se* o comportamento de alguém quando (como se vê facilmente nos exemplos da Terra Gémea) as condições de verdade são muitas vezes propriedades “latas” de frases, no sentido em que não “’tão na cabeça,” sendo o conhecimento das condições de verdade uma propriedade claramente lata das pessoas? A condição de verdade de “Os cães bebem água,” aqui, difere da de “Os cães bebem água” na Terra Gémea, mas a diferença é irrelevante para o comportamento e não pode afectá-lo. Mas a compreensão (= conhecimento do significado) tem de afectar e afecta o comportamento. Logo, a compreensão não é, ou não é apenas, conhecimento da condição de verdade, e portanto o significado não é, ou não é apenas, a condição de verdade.

PRIMEIRA RESPOSTA

Formulado deste modo, o argumento pressupõe que a “compreensão” em si tem de ser um conceito “restrito” ou “na cabeça.” Isto, no mínimo, não é óbvio. (Deixo-lhe o exercício de construir um contra-exemplo com a Terra Gémea.) Dar-mo-nos conta de que o argumento precisa de um conceito restrito de compreensão deveria também fazer-nos reconsiderar o simples equacionamento do “conhecimento do significado” com a compreensão e vice-versa, por mais que tal equacionamento pareça à primeira vista um truísmo.

SEGUNDA RESPOSTA

Além disso, o argumento presume que os conceitos latos não podem *per se* figurar na etiológia do comportamento. Como a bibliografia da “causalidade intensional” de há alguns anos torna claro,³ pode-se fazer “figurar” de inúmeras maneiras. Não há dúvida que o comportamento depende contrafactualmente de estados latos das pessoas: se eu tivesse querido água (H₂O), teria ido à cozinha. E penso que esta é a noção etiológica mais forte que o senso comum garante. Se alguém pensa que a compreensão afecta o comportamento numa acepção mais forte de “afectar” que não apenas o comportamento depender contrafactualmente da compreensão, teríamos de ouvir uma defesa qualquer.

O defensor da teoria do uso ainda não deu por encerrada a discussão da perspectiva das condições de verdade. Começaremos o capítulo 12 considerando mais uma objecção.

³ Veja-se, por exemplo, Heil e Mele (1993).

Sumário

- A condição de verdade de uma frase pode ser tomada como o conjunto de mundos possíveis nas quais a frase é verdadeira.
- Mais em geral, os mundos possíveis podem ser usados para construir “intensões” para expressões subfrásicas, que se combinarão composicionalmente para determinar a condição de verdade da frase que as contém.
- A perspectiva resultante tanto evita o problema de termos co-extensionais que não são sinónimos como o problema de conectivas que não são verofuncionais.
- A teoria dos mundos possíveis aprofunda também a solução de Frege para o problema da substituibilidade.
- Mas a teoria herda várias das dificuldades originais de Davidson e incorre em mais uma ou duas.

Questões

1. Avalie o argumento directo de Lewis a favor da versão dos mundos possíveis da teoria das condições de verdade.
2. Discuta mais a teoria dos mundos possíveis, seja a favor, contra ou ambos. (Se não conhecer já alguma semântica de mundos possíveis, poderá querer ler pelo menos alguma coisa como complemento; recomendo Lewis (1970).)
3. Ajuíze a objecção 7 ou a 8.

Leitura complementar

- A introdução mais simples e natural que conheço à versão dos mundos possíveis da semântica das condições de verdade é Lewis (1970). Depois, deite-se a Cresswell (1973) (apesar de difícil, exigindo conhecimento de lógica formal e teoria de conjuntos; mas tudo veio de algo muito mais difícil, coligido postumamente em Montague (1974)).
- Dois bons manuais introdutórios à gramática de Montague são Chierchia e McConnell-Ginet (1970) e Weisler (1991).